

As Importações e o Brasil Fechado

Por: Ricardo de Menezes Barboza

As importações brasileiras de bens e serviços cresceram 5% em 2017. Considerando que a demanda doméstica avançou apenas 0,2% no mesmo ano, o desempenho importador realmente chama atenção. Nesse contexto, não vão demorar a surgir os usuais pedidos de proteção contra a “invasão de produtos estrangeiros”, especialmente na indústria, setor mais exposto à concorrência externa.

Num mundo marcado pelas medidas protecionistas de Donald Trump nos EUA, é possível que os pedidos de proteção ganhem força adicional.

Diante disso, é importante perguntar: (i) por que as importações crescem tanto no Brasil? (ii) será que precisamos realmente nos proteger dessa “invasão” de importados?

Importações são pró-cíclicas em qualquer lugar do mundo. Isso quer dizer que é normal importações aumentarem quando a demanda doméstica aumenta. O que diferencia a economia brasileira, no entanto, é a magnitude desse movimento, típico de economias muito fechadas, que apresentam baixa penetração de importações relativamente ao PIB.

Imaginem, por exemplo, duas economias, A e Z, muito parecidas em quase tudo. Em ambas, o PIB e a demanda doméstica valem 10 unidades. A diferença entre elas diz respeito ao volume de comércio exterior: enquanto no país A as importações são de 5 unidades, no país Z elas são de apenas 1 unidade.

Vamos supor agora um aumento de 10% na demanda doméstica de ambos os países, que passam de 10 para 11 unidades. Caso o PIB não cresça - hipótese apenas para facilitar, mas que pode ser relaxada¹ -, as importações de A e Z precisam crescer em 1 unidade para reequilibrar oferta e demanda.

No país A, relativamente aberto, as importações passam de 5 para 6 unidades, o que representa um crescimento de 20%. No caso do país Z, bem mais fechado ao comércio, as importações passam de 1 para 2 unidades, configurando um crescimento bem maior, de 100%.

O exemplo é útil para tratar do Brasil, país comercialmente mais fechado dentre 156 países membros da Organização Mundial do Comércio e também o de menor participação de importações no PIB dentre os 171 países com dados disponíveis no Banco Mundial. Enquanto as importações representam cerca de 12% do PIB brasileiro, a média mundial é mais do que o dobro, de 27,8%.

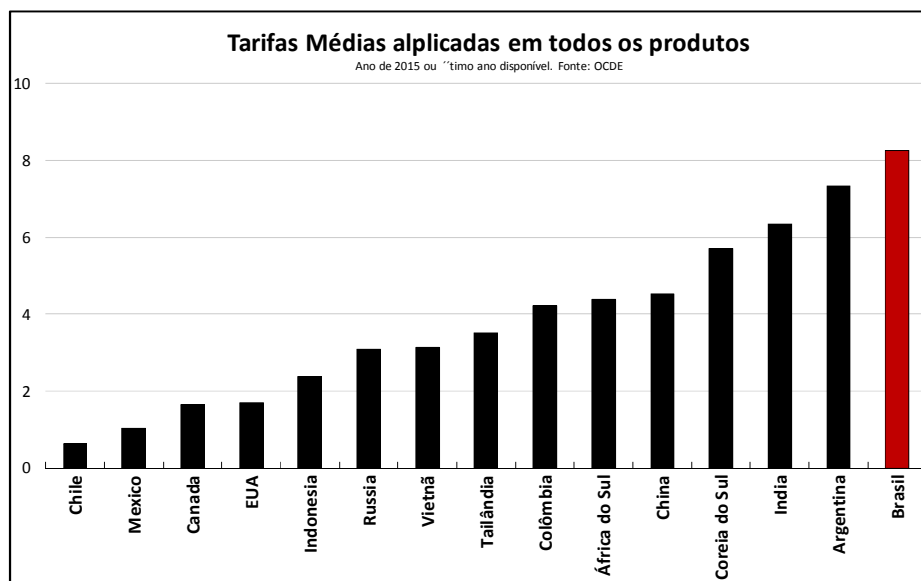
Críticos dirão que países grandes, como o Brasil, naturalmente comercializam menos com o exterior. Afinal, por serem grandes, podem ser vistos como uma aglomeração de vários “países” menores. Ou seja, é natural que o “país Rio de Janeiro” transacione mais com o “país São Paulo”, deslocando o comércio que poderia ocorrer, por exemplo, com a Argentina, esse sim um país de verdade.

A questão relevante, contudo, é que, mesmo controlando para variáveis típicas de países muito grandes, como tamanho do território, tamanho da população ou PIB per capita, ainda assim o Brasil aparece muito mais fechado à concorrência estrangeira do que suas características sugerem. Diversos estudos apontam para esse triste isolamento.

O isolamento comercial brasileiro, por sua vez, resulta de barreiras comerciais diversas, tal como mostra o Relatório divulgado mês passado pela OCDE. Os níveis médios de tarifas efetivas no Brasil são quase o

¹ Ver Giambiagi, F. & Schwartzman, A. (2014) para um exemplo similar que contempla crescimento do PIB.

dobro do observado na Colômbia e mais de oito vezes maior do que no Chile (ver gráfico). No caso das tarifas aplicadas a bens de capital, o cenário é ainda pior: a proteção média no Brasil é 14 vezes maior do que no Chile e 25 vezes maior do que no México.



Produtores brasileiros contam também com ampla proteção advinda de diversas exigências de conteúdo nacional. Segundo o Relatório da OCDE, havia no Brasil, em 2015, cerca de 16 regras de conteúdo local aplicadas a diferentes setores, bem acima de seus pares emergentes. Como se não bastasse, a proteção também advém de barreiras relacionadas a especificações técnicas e preferências tributárias.

Definitivamente, o Brasil não precisa se proteger ainda mais da concorrência externa.

Com tanto isolamento, as importações se tornam extremamente pró-cíclicas por aqui. Mas isso, *per se*, não deveria gerar grandes preocupações. O que realmente é inquietante é que ganhos de produtividade ficam prejudicados sem medidas que favoreçam a concorrência estrangeira no país.

Sob um ponto de vista teórico, a concorrência aumenta a produtividade por diversos canais. Primeiro, porque mais competição na provisão de bens intermediários amplia o acesso de empresas a insumos mais baratos e de melhor qualidade, diminuindo seus custos. Segundo, porque o acesso aos bens de capital e às tecnologias produzidas no exterior podem ter efeitos diretos sobre a eficiência das empresas brasileiras. Terceiro, porque, pressionadas pela competição, as empresas produzem mais e melhor, além de inovarem continuamente. Quarto, porque há um efeito seleção: empresas que sobrevivem em mercados competitivos são mais produtivas do que as que sucumbem.

Sob um ponto de vista empírico, os canais acima parecem realmente funcionar. Há evidência crescente mostrando efeitos positivos da concorrência e da abertura comercial sobre a produtividade dos países.

Paul Krugman, ganhador do Nobel de Economia, disse certa vez que *“produtividade não é tudo, mas no longo prazo é quase tudo”*. Enquanto o Brasil não se abrir à concorrência externa, dificilmente sairá da longa estagnação que tem marcado sua vida econômica desde 1980. Viciados em sucessivos voos de galinha, seguiremos rediscutindo a invasão de importados - que nunca aconteceu - e a reprodução de uma indústria nascente - que se nega a amadurecer.

Ricardo de Menezes Barboza é Mestre em Macroeconomia pela PUC-Rio, Professor Colaborador do Instituto Coppead e Pesquisador do Grupo de Conjuntura Econômica da UFRJ. Publicado dia 13/04/2018 no Jornal Valor Econômico.